

A SEMANA – 150

John Gledson

Uma crônica que interessa bastante, por dois lados, além do elogio do novo livro do amigo José Veríssimo. A “dualidade das câmaras”, exemplificado no Amazonas (e as dissensões políticas na Bahia, na crônica anterior) faz parte do pensamento histórico-político que Machado desenvolverá em *Esau e Jacó*, na briga dos gêmeos. Significa a um só tempo a imaturidade política do Brasil, e a lamentável tendência à violência e até à guerra civil. O federalismo só piora a situação, multiplicando-a.

A seguir, entramos em território que Machado raramente pisa: o cristianismo, e concretamente a história fundadora da religião. Sempre cético em relação aos fatos e sobretudo a seu significado, Machado desde cedo concordara com Ernest Renan, autor de uma *Vida de Jesus* nada ortodoxa, de 1863. Como se evidencia nesta crônica, e melhor ainda n’“A paixão de Jesus”, de 1904, a emoção era sincera, mas a fé estava completamente ausente. Sem dúvida foi a crônica do amigo Ferreira de Araújo, bem interessante e nada convencional (ver a nota 9), que o instigou a escrever diretamente sobre este assunto. Típico, também, é que lhe chamem a atenção sobretudo os detalhes, as “meras” palavras da história (ver a crônica de 12 de março de 1893 [47]).



A SEMANA

14 de abril de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Nada há pior que oscilar entre dois assuntos. A semana santa chama-me para as coisas sagradas, mas uma ideia que me veio do Amazonas chama-me para as profanas, e eu fico sem saber para onde me volte primeiro. Estou entre Jerusalém e Manaus; posso começar pela cidade mais remota, e ir depois à mais próxima; posso também fazer o contrário.

Havia um meio de combiná-las: era meter-me em uma das montarias ou igarités¹ do Amazonas, com o meu amigo Dr. J. Veríssimo,² e deixar-me ir com ele, rio abaixo ou acima, ou pelos confluente, à pesca do pirarucu, do peixe-boi, da tartaruga ou da infinidade de peixes que há no grande rio e na costa marítima. Não podia ter melhor companheiro; pitoresco e exato, erudito e imaginoso, dá-nos na monografia que acaba de publicar, sob o título *A pesca na Amazônia*, um excelente livro para consulta e deleite. Como se trata do pescado amazônico e acabamos a semana santa, iria eu assim a Jerusalém e a Manaus, sem sair do meu gabinete. Mas o bom cristão acharia que não basta pescar, como S. Pedro, para ser bom cristão, e os amigos de ideias novas diriam que não há ideia nem novidade em moquear o peixe à maneira dos habitantes de Óbidos ou Rio Branco. Força é ir a Manaus e a Jerusalém.

Já que estou no Amazonas, começo por Manaus. As folhas chegadas ontem referem que naquela capital a câmara dos deputados dividiu-se em duas.³ Essa

¹ Montaria: canoa de pequena extensão, feita de um tronco escavado a fogo, e em cuja borda se situam as bancadas dos remadores. Igarité: embarcação cargueira com capacidade de até duas toneladas, a remo, sirga ou motor.

² José Veríssimo (1857-1916), crítico e contista paraense, foi grande amigo de Machado – correspondiam-se desde 1883, e viam-se muito depois que Veríssimo se instalou no Rio em 1891; este não é o único elogio a uma obra sua, que recebeu uma resenha excelente n’*O Paiz* no dia 25 de abril. Para mais detalhes, ver o verbete sobre Veríssimo de Ubiratan Machado no *Dicionário de Machado de Assis*, muito completo.

³ Suponho que Machado se refere aos jornais do Amazonas (“As folhas *chegadas* ontem”). Não foi possível encontrar referência a este assunto nos poucos jornais amazonenses acessíveis. Na imprensa do Rio de Janeiro, este fato das duas administrações parece ter tido pouca ou nenhuma repercussão: só notei, n’*O Paiz* do dia 8 de abril, um telegrama que, entre outras coisas, fala da abertura do congresso do Estado, e diz: “Ficou sem efeito o congresso organizado pelos chefes do partido democrata”.

dualidade de câmaras de deputados e de senados tende a repetir-se, a multiplicar-se, a fixar-se nos vários Estados deste país. Não são fenômenos passageiros; são situações novas, idênticas, perduráveis. Os olhos de pouca vista alcançam nisto um defeito e um mal, e não falta quem peça o conserto de um e a extirpação de outro. Não será consertar uma lei natural, isto é, violá-la? Não será extirpar uma vegetação espontânea, isto é, abrir caminho a outra?

Geralmente, as oposições não gostam dos governos. Partido vencido contesta a eleição do vencedor, e partido vencedor é simultaneamente vencido, e vice-versa. Tentam-se acordos, dividindo os deputados; mas ninguém aceita minorias. No antigo regímen iniciou-se uma representação de minorias, para dar nas câmaras um recanto ao partido que estava de baixo.⁴ Não pegou bem, – ou porque a porcentagem era pequena, – ou porque a planta não tinha força bastante. Continuou praticamente o sistema da lavra única.

Os fatos recentes vão revelando que estamos em vésperas de um direito novo. Sim, leitor atento, é certo que a luta nasce das rivalidades, as rivalidades da posse e a posse da unidade de governo e de representação. Se, em vez de uma câmara, tivermos duas, dois senados em vez de um, tudo coroado por duas administrações, ambos os partidos trabalharão para o benefício geral. Não me digam que tal governo não existe nos livros, nem em parte alguma. Sócrates, – para não citar Taine e consortes – aconselhava ao legislador que, quando houvesse de legislar⁵ tivesse em vista a terra e os homens.⁶ Ora os homens aqui amam o governo e a tribuna, gostam de propor, votar, discutir, atacar, defender e os demais verbos, e o partido que não folheia a gramática política acha naturalmente que já não há sintaxe; ao contrário, o que tem a gramática na mão julga a linguagem alheia obsoleta ou corrupta. O que estamos vendo é a impressão em dois exemplares da mesma gramática. Virão breve os tempos messiânicos, –

⁴ Aqui Machado sem dúvida se lembra de um momento crucial da sua carreira. Em 1868, acabava de ganhar o seu primeiro emprego público, por influências de Zacarias de Góis e do Partido Liberal, do qual era fiel. Em julho desse ano, no meio da Guerra do Paraguai, num momento importante na história do império, o governo liberal foi deposto pelo imperador, e subiram os conservadores, liderados pelo visconde de Itaboraí. Machado temia pelo seu emprego, e recorreu ao seu amigo e protetor no mundo da literatura, José de Alencar, ministro da justiça no novo governo. Deu-se outra feliz coincidência: Alencar, n’*O sistema representativo* (1868), tinha argumentado que as minorias – as oposições – deviam ser representadas, em vez de ser sistematicamente expulsas a cada novo governo. Na “Correspondência da Corte”, publicada na *Imprensa Acadêmica* (de São Paulo) no dia 31 de julho de 1868, diz Machado: “O autor do *Sistema Representativo* estudou profundamente o problema da representação nacional, e adotou, como uma solução nova, a ideia da representação das minorias, ideia fecundíssima e necessária à legítima expressão da vontade pública” (ver *Dispersos de Machado de Assis*, ed. J-M Massa, p. 251). Machado manteve o posto, primeiro degrau da escada: também manteve as suas opiniões.

⁵ Aurélio põe aqui uma vírgula, que não está nem na *Gazeta* nem na antologia de Mário de Alencar.

⁶ Sócrates é personagem na *República* de Platão. O livro, entretanto, em que Platão trata mais detalhadamente de legisladores é *As leis*. Taine, novamente, aparece por conta da sua teoria das influências de “race, milieu et moment”, que determina, entre outras coisas, a literatura e a feição política de cada país.

melhores ainda que os de Israel, porque lá os lobos deviam dormir com os cordeiros, mas aqui os cordeiros dormirão com os cordeiros, à falta de lobos.

Enquanto não vêm esses tempos messiânicos, vamo-nos contentando com os da escritura,⁷ e com a semana santa que passou. Assim passo eu de Manaus a Jerusalém.

Há meia dúzia de assuntos que não envelhecem nunca; mas há um só em que se pode ser banal, sem parecê-lo, é a tragédia do Gólgota. Tão divina é ela que a simples repetição é novidade. Essa coisa eterna e sublime não cansa de ser sublime e eterna. Os séculos passam sem esgotá-la, as línguas sem confundi-la, os homens sem corrompê-la. “O Evangelho fala ao meu coração” escrevia Rousseau;⁸ é bom que cada homem sinta este pedaço de Rousseau em si mesmo...

Entretanto, se eu admiro o belo sermão da Montanha, as parábolas de Jesus, os duros lances da semana divina, desde a entrada em Jerusalém até à morte no Calvário, e as mulheres que se abraçaram à cruz, e cuja distinção foi tão finamente feita por Lulu Sênior, quinta-feira,⁹ se tudo isso me faz sentir e pasmar, ainda me fica espaço na alma para ver e pasmar de outras coisas. Perdoe-me a grandeza do assunto uma reminiscência, aliás incompleta, pois não me lembra o nome do moralista, mas foi um moralista que disse ser a fidelidade dos namorados uma espécie de infidelidade relativa, que vai dos olhos aos cabelos, dos cabelos à boca, da boca aos braços, e assim passeia por todas as belezas da pessoa amada.¹⁰ Espiritualizemos a observação, e apliquemo-la ao Evangelho.

Assim é que, no meio das sublimidades do livro santo, há lances que me prendem a alma e despertam a atenção dos meus olhos terrenos. Não é amá-lo menos; é amá-lo em certas páginas. Grande é a morte de Jesus, divina é a sua paciência, infinito é o seu perdão. A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedível...

Mas, não sendo primoroso o último ato dos discípulos, não deixa de ser instrutivo. Um, por trinta dinheiros, vendeu o Mestre; os outros, no momento da prisão, desapareceram, ninguém mais os viu. Um só deles, sem se declarar, meteu-se entre a

⁷ Aurélio tem “Escritura” – na *Gazeta*, e em Mário de Alencar, está “escritura”.

⁸ “Je vous avoue aussi que la majesté des Écritures m’étonne, que la Sainteté de l’Évangile parle à mon coeur” [Afirmo-lhe também que a majestade das Escrituras me deixa atônito, e que a santidade do Evangelho fala ao meu coração], citado da “Profession de foi du vicaire savoyard”, parte do quarto livro de *Émile, ou de l’éducation*, de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) (parágrafo 1089).

⁹ Ferreira de Araújo, o dono da *Gazeta*, tinha mais de uma coluna semanal no jornal. Nas segundas-feiras tinha “Cousas políticas”, e nas quintas, “Às quintas”, assinado por um pseudônimo conhecido, Lulu Sênior, de assunto mais livre. Nesta quinta-feira santa, dedicou-a ao cristianismo, mas de um jeito bastante heterodoxo, de que Machado deve ter gostado. É um elogio a Santa Maria Madalena, prostituta e santa, que sentiu amor por Jesus, e foi convertida por esse amor. Até chega a compará-la positivamente com a Virgem Maria: “é justamente essa sempiterna alvura que põe a virgem simbólica como que fora da estrutura da natureza onde nada há que se lhe compare. (...) Não assim Magdalena. Chamam-lhe arrependida os que chamam de pecado as contingências em que a puseram a formosura, a miséria e o sangue quente naquelas terras próximas do Paraíso em que se libou a primeira delícia, ao cometer-se a primeira falta.”

¹⁰ Nós também não soubemos identificar este moralista.

multidão, e penetrou no pretório entre os soldados. Três vezes lhe perguntaram se também não andava com os discípulos de Cristo; respondeu que não, que nem o conhecia, e, à terceira vez, cantando o galo, lembrou-se da profecia de Cristo, e chorou. São¹¹ Mateus, contando o ato deste discípulo, diz que ele entrara no pretório, com os soldados, “a ver em que parava o caso”.¹² Hoje diríamos, se o Evangelho fosse de hoje, “a ver em que paravam as modas”. Tal é a mudança das línguas e dos tempos!

Este versículo do evangelista não vale o sermão da Montanha, mas, usando da teoria do moralista a que há pouco aludi, esta é a pontinha da orelha do Evangelho.



¹¹ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio abrevia para S.

¹² Mateus 26:58.